Biblioteca Mauricio de Sousa

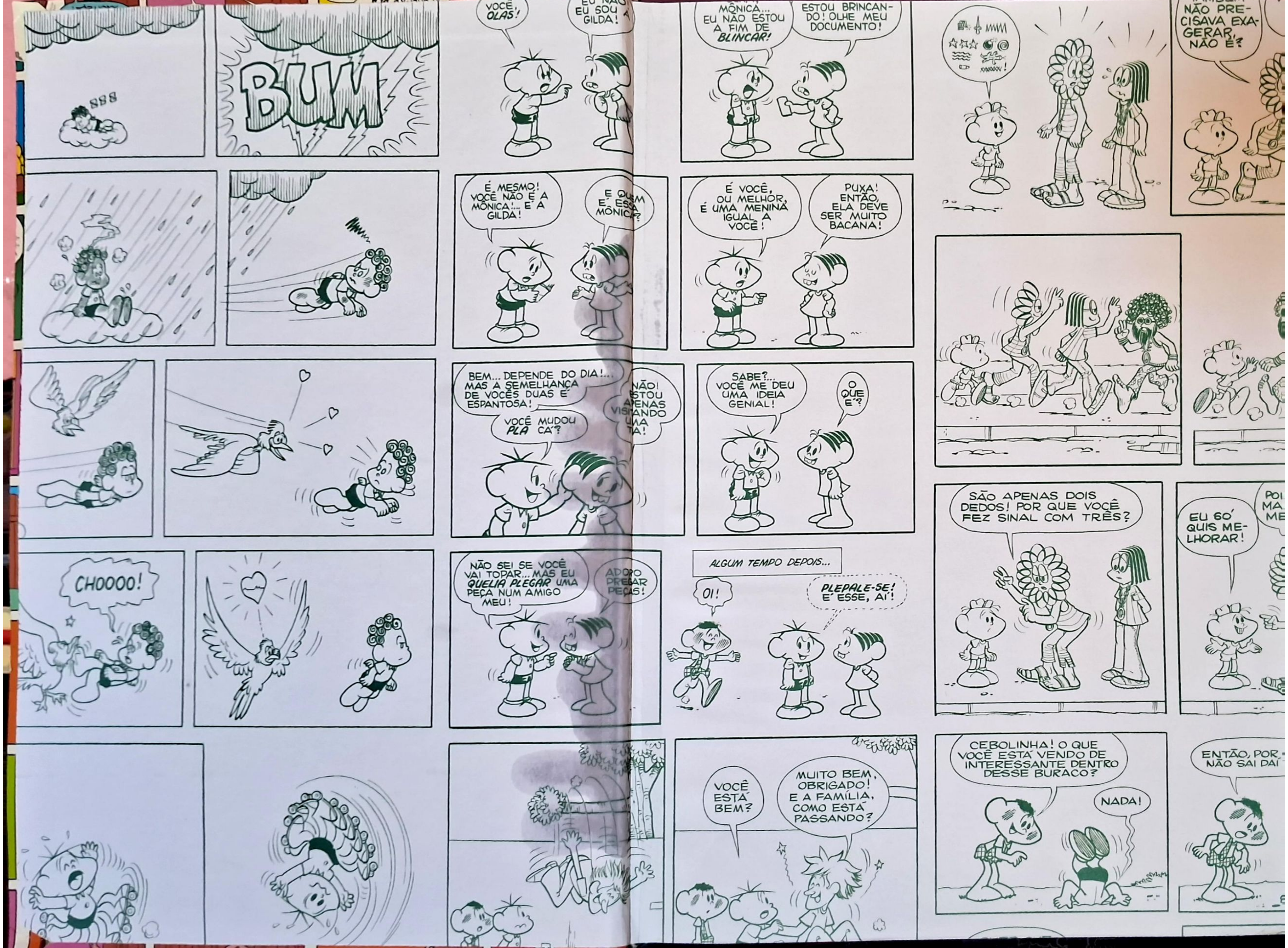
Cebolinha

1973

MAURICIO

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

Panini COMICS


BUM
CHOOOO!
VOCÊ, OLAS!
EU NÃO EU SOU GILDA!
É MESMO! VOCÊ NÃO É A MÔNICA!... É A GILDA!
E QUEM É ESSA MÔNICA?
BEM... DEPENDE DO DIA!... MAS A SEMELHANÇA DE VOCÊS DUAS É ESPANTOSA!
VOCÊ MUDOU PLA CÁ?
NÃO! ESTOU APENAS VISITANDO UMA TIA!
NÃO SEI SE VOCÊ VAI TOPAR... MAS EU QUELIA PLEGAR UMA PEÇA NUM AMIGO MEU!
ADORO PREGAR PEÇAS!
MÔNICA... EU NÃO ESTOU A FIM DE BLINCAR!
ESTOU BRINCANDO! OLHE MEU DOCUMENTO!
É VOCÊ, OU MELHOR, É UMA MENINA IGUAL A VOCÊ!
PUXA! ENTÃO, ELA DEVE SER MUITO BACANA!
SABE?... VOCÊ ME DEU UMA IDEIA GENIAL!
O QUE É?
ALGUM TEMPO DEPOIS...
OI!
PLEPALE-SE! É ESSE, AÍ!
VOCÊ ESTÁ BEM?
MUITO BEM, OBRIGADO! E A FAMÍLIA, COMO ESTÁ PASSANDO?
NÃO PRECISAVA EXAGERAR, NÃO É?
SÃO APENAS DOIS DEDOS! POR QUE VOCÊ FEZ SINAL COM TRÊS?
EU SÓ QUIS MELHORAR!
CEBOLINHA! O QUE VOCÊ ESTÁ VENDO DE INTERESSANTE DENTRO DESSE BURACO?
NADA!

Biblioteca Mauricio de Sousa

Cebolinha

1973

Mauricio

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

PANINI COMICS

SUMÁRIO

O plano mais infalível 8
Cebolinha #1 9
Muito à vontade 10
Anjinho 16
Tina 20
Roda, pião 22
Pipa na TV 25
Uma história muito louca 31
A gênia 36
A invocada 39
Bidu, o homem da carrocinha vem vindo! 43
Horácio 47
Cebolinha 49
Ato I 50
Anjinho 56
Bichinhos de estimação 57
O escritor 63
Mônica 69
Cebolinha #2 71
A cabaninha 72
Qualquer semelhança é mera coincidência 78
Bidu 82
Tina 83
Oh, sorte! 85
O judoca 87
"Oi", Mônica! 92
Cebolinha 94
O barulhento 95
O espinho 99
Um pé de osso 103
Bidu 106
Cebolinha 107
Cebolinha 109
Rolo na TV 111
Cebolinha 115
Aquela barba 116
No alvo 121
O limpo 123
O quê? 129
Cebolinha 132
Cebolinha #3 133

O feio adormecido...134
Ser ou não ser... hippie?...143
O assalto...147
A ginástica...154
Os amigos...158
Cebolinha...168
Quem não se comunica......169
Um ocarub ao contrário...172
Será que chove?...176
Piteco...179
O salto...184
Cebolinha...191

Cebolinha #4...193
O mundo vai explodir!...194
A bolsa...201
De patins...203
Sorria sempre...208
O baú...210
O arqueiro...217
A rigor...220
Horácio...224
A pipoca...226
Cebolinha...230
O falso baiano...231
O tapete mágico...235
Penadinho...239
Amor, sublime amor...241
Cebolinha...246
Agora também em líquido...247
Cebolinha...251

Cebolinha #5...253
A varinha de condão...254
Bidu...260
Novamente, uma história muito louca...261
Cebolinha...265
A balinha...266
Cebolinha...270
Horácio...271
O irresistível...273
Bidu...281
O patim feio...283
Tina...292
Magali vai trabalhar...295
A alanha alanha...301
Cebolinha...304
O gênio do caixote...305
Cebolinha...313

Cebolinha #6...315
A flauta...316
Depois da queda...324
Cebolinha...330
Bidu Bugu...331

Cebolinha ... 335
Mônica Cebolinha ... 336
Eu quero dormir ... 338
Horácio ... 343
O livro de mágica ... 354
Cebolinha ... 359
Tina ... 360
Um chapéu ... 365
Cebolinha ... 374

Cebolinha #7 ... 375
Cebolinha voador ... 376
Passatempo ... 391
As placas ... 392
Quem é o bom? ... 396
Penadinho ... 401
Cebolinha ... 405
A canoa ... 406
Carona ... 410
Cebolinha ... 416
As laranjas ... 417
A pescaria? ... 423
Os artistas ... 427
Cebolinha ... 433

Cebolinha #8 ... 435
Bangue-bangue ... 436
Com cabelos nos olhos ... 444
Cebolinha ... 448
Penadinho ... 449
O barítono ... 451
Cascão ... 457
Horácio ... 458
A carteira ... 467
Cebolinha ... 472
O saci ... 473
Telefone ... 477
Bidu e Bugu ... 481
A nuvem enamorada ... 486
Grande aposta ... 490

Cebolinha #9 ... 495
A nota ... 496
Cebolinha ... 503
Acho que o conheço... ... 504
Vamos pegar goiaba ... 507
O fortão ... 511
Nas estrelas, o futuro... ... 516
O grande compositor ... 520
A limonada ... 523
Piteco ... 530
Pé machucado ... 532
O azarado ... 536
Caça-níqueis ... 541

Este violão... 546
Cebolinha 553
Cebolinha #10 555
O grande jogo 556
O caixote 562
Bidu Bugu 568
Cebolinha 572
A cápsula 573
Os passos do cavalinho 577
Torcicolo 581
Barra para exercícios 584
Na ópera 588
Cebolinha 594
Na grande cidade 595
A flor e seus problemas 601
O eco misterioso 607
Cebolinha 613
Cebolinha #11 615
As botinas de sete léguas 616
Cebolinha 621
O que será que há do outro lado do muro? 622
A namorada misteriosa 627
A peruca 632
As mesmas de sempre 636
Ahnilobec 639
Que dia escuro! 643
Mônica 648
Puxa, que tempo! 649
Hum... Que música! 652
Rolo 656
O noivo eterno 657
Os amigos inseparáveis 659
O coco 665
Um Romeu muito apaixonado 667
Cebolinha 675
Cebolinha #12 677
O soro duplicador 678
Uma questão de entendimento 692
Cebolinha 695
Vamos jogar bolinha? 696
Bugu 700
O saco de risada 702
Cebolinha 707
Chico Bento 708
Xeque-mate 712
Cascão 715
Horácio 716
Cebolinha 730
O disco 731
Cebolinha 737
Arquivos do Mauricio 738

O plano mais infalível

Que tal começar outra gostosa viagem no tempo? Desta vez, para 1973. Lembro bem do final do ano anterior. Minha equipe e eu tivemos que, literalmente, trabalhar em dobro para entregar todas as páginas para a Editora Abril, ainda em dezembro, para que nossos leitores recebessem nas bancas a novidade que abriria o novo ano. A partir de então, a revista *Mônica* não seria mais a única da Turminha: ela ganharia a companhia de *Cebolinha*.

E ai de mim se não escrevesse o prefácio desta edição de estreia do Cebolinha neste livrão, que é o quarto da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, nossa linda coleção com a Panini. Ele ficaria muito ***blavo***, e seria capaz de bolar algum plano infalível...

Por isso, é hora de recordar histórias daquele tempo. E muitas delas, pode acreditar, não estão no gibi, para usar uma expressão bem comum na época.

Quando lançamos *Mônica*, o sucesso foi imediato. A criançada de todo o Brasil adorou a revista. E isso se refletiu, claro, nos exemplares vendidos. Mas ainda era preciso ter cautela, ter a certeza de que aqueles números se manteriam. Ou se cresceriam, quem sabe.

Ainda bem, aconteceu a segunda opção.

A Abril e eu estávamos empolgados com os resultados. E, quando a editora me encomendou uma nova revista mensal, já estava preparado.

Como diminuía cada vez mais o número de histórias que eu adaptava da *Folhinha de S.Paulo*, contratei profissionais para me auxiliar na produção de materiais inéditos e, aos poucos, passei a delegar funções que antes eram apenas minhas: letras, arte-final (aplicar o nanquim sobre o lápis), desenho e, finalmente, roteiro. Admito que não foi fácil. Dava uma pontinha de ciúme, mas era o caminho para crescer. E assim fomos em frente.

Naqueles primeiros meses com duas revistas mensais, uma das decisões imediatas foi escolher que personagens teriam suas histórias em *Mônica* e quais sairiam em *Cebolinha*. Isso nos auxiliava ao montar a produção. Esse processo foi evoluindo com o tempo e é utilizado até hoje.

E, finalmente, havia chegado o momento do Cebolinha! Ele não se tornou o dono da rua, mas ganhou o seu próprio gibi. E o saboroso de ler (ou reler) essas histórias é constatar como se deu a evolução dos personagens e seus núcleos. A hoje tão conhecida expressão "plano infalível", por exemplo, apenas começava a ser adotada. E tem muito mais coisas para descobrir. Ou relembrar.

O que vai auxiliar você nessa missão são as dezenas de informações e curiosidades na seção *Arquivos do Mauricio*, nas páginas finais. Esse trabalho "arqueológico" resgata coisas que nem eu me lembrava. Não só sobre as histórias, mas das referências que eram usadas nelas na época.

Neste quarto volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, sai o vermelho e entra o verde. E quem comanda a festa é o Cebolinha. Ou seja, a diversão é a mesma. Ou melhor, a ***divelsão***!

MAURICIO

Arquivos do Mauricio

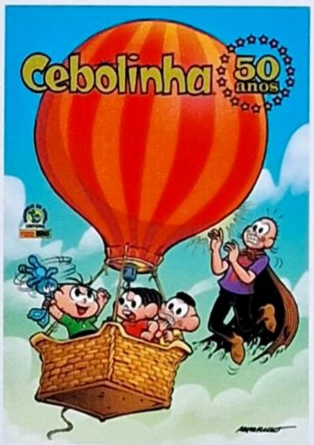
Por Paulo Back e Sidney Gusman

Nesta seção, a cada volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, apresentaremos dezenas de curiosidades e informações sobre as histórias e os personagens. Prepare-se para descobrir verdadeiras preciosidades. Edição a edição.

Cebolinha # 1 (janeiro de 1973)

As curiosidades desta edição de estreia começam pela capa, que se tornou clássica. Naquela época, ninguém questionou que a revista não tinha uma história com o Capitão Feio, que havia surgido pouco tempo antes numa peça de teatro e estreado nos quadrinhos em uma história publicada em *Mônica 31*. Comentamos sobre isso em *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica* 1972.

A capa é tão memorável, que ganhou duas releituras. A primeira em *Cebolinha* 86, da Panini, em fevereiro de 2014, quando o gibi completou 500 edições. Mas, desta vez, o Capitão Feio se alia ao Cebolinha para enfrentar vários vilões. Além da versão normal (na imagem), houve uma capa variante com o fundo dourado.



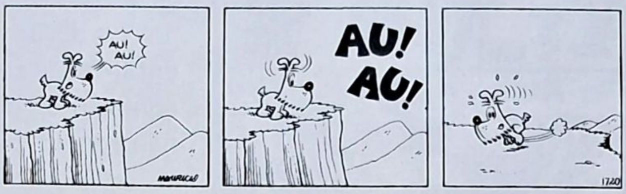
E a outra foi na edição comemorativa *Cebolinha 50 anos*, também da Panini, que saiu em novembro de 2010. Só que, nela, o vilão está prestes a se dar muito mal.

O Capitão Feio apareceu em álbuns de figurinhas, no compacto duplo *A Turma da Mônica contra a poluição* e na revista *Turma da Mônica Jovem*. Estrelou duas *Graphics MSP*, *Identidade* (2017) e *Tormenta* (2019), dos irmãos Magno e Marcelo Costa. E teve versão em *pixels* nos *games* lançados pela Tec Toy, a partir de 1991, e estatueta, pela Salvat, em 2016.

E ganhou novas versões em carne e osso! Em 2017, ele voltou a brilhar no musical *A Turma da Mônica contra o Capitão Feio*, interpretado por Rico Malta. O espetáculo teve nova temporada em 2022. No mesmo ano, em *Turma da Mônica – A série*, da Globoplay, foi vivido por Fernando Caruso.

A história que abre *Cebolinha 1* foi publicada na segunda capa da revista, espaço geralmente destinado a alguma propaganda, que provavelmente não foi preenchido até o lançamento.

O tema eco era bastante utilizado por Mauricio em tiras, com desfechos diferentes. Veja estas do Cebolinha (que fala "pol" em vez de "por", mas pronuncia o R no final de "expelimentar" e "saber") e do Bidu, publicadas na *Folha de S.Paulo* 27 de agosto de 1964 e 5 de maio de 1971, respectivamente.



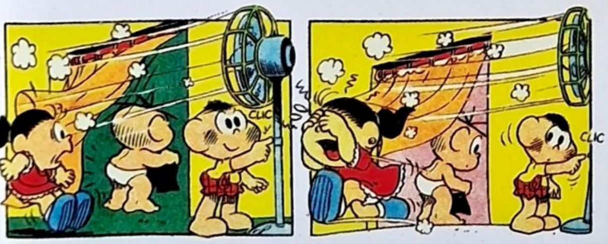
O Cebolinha passar maus bocados por estar com pouca ou nenhuma roupa, como acontece em *Muito à vontade*, não é novidade. E começou em *O soro da invisibilidade*, publicada no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, em 29 de novembro de 1966, e depois em *Mônica 1*, da Abril.

Em *A travessia*, publicada em *Cebolinha 93*, da Globo, em setembro de 1994, Cebolinha sai do banho sem toalha e precisa atravessar a sala. Só que Mônica e uma amiguinha o esperam lá.

Em *Espumado*, que saiu em *Cebolinha 56*, em agosto de 1977, pela Abril, acontece algo bem parecido, quando um sabonete cai pela janela do banheiro. Só que, desta vez, ele está do lado de fora de casa.

O Cascão apronta uma das boas em *O provador*, de *Cebolinha 72*, da Abril, em janeiro de 1979, ao ligar e desligar o ventilador enquanto o amigo trocava de roupas no provador.

Mas a mais famosa de todas é *O Mônico*, em *Cebolinha 16*, da Panini, lançada em abril de 2008. Na história, o troca-letras fica com os cabelos iguaizinhos aos da Mônica, mas o resto não muda. Aí, imagine a confusão!



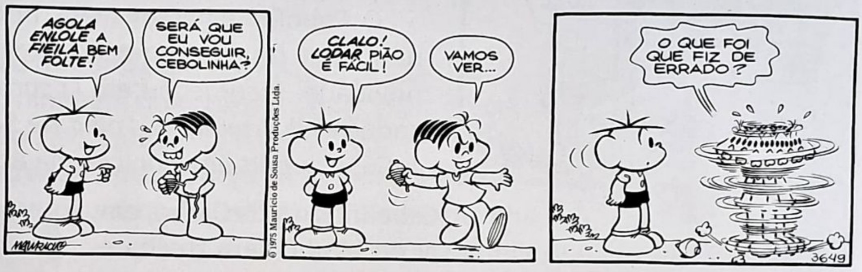
O Anjinho não contracenava só com a Turminha. Vez ou outra, ele se metia em encrencas com as próprias nuvens, como nesta tira de 1970, publicada na *Folha de S.Paulo*.

As histórias da Tina satirizavam comportamentos, modos de se vestir, choques de gerações e os ideais daquela geração paz e amor. Pra balancear, alguns personagens apareciam como contrapontos, agindo e falando de forma contrária. Turíbio Fagundes Pitanga foi um deles, ao lado de Toneco e Pipa.

Prosaico, formal e de fala rebuscada, ele já ilustrava a galeria da Turma da Tina nos anúncios na *Folhinha*, em 1970. No entanto, só foi aparecer nos gibis em 1973, nesta edição. Mas, com tantos personagens aquém da linguagem *hippie*, Turíbio não encontrou seu espaço e logo deixou de aparecer.

Em *Roda, pião*, a Mônica se atrapalha toda quando tenta fazer um pião girar.

Essa piada ainda renderia diversas tiras, sempre com desfechos diferentes, como esta, de 1975.



Pipa na TV traz de volta um apresentador, que obviamente é inspirado em Silvio Santos, e já havia aparecido em *Cascão não quer sabão*, de *Mônica 1*, que está no primeiro volume de *Biblioteca Mauricio de Sousa*.

Uma curiosidade: Mauricio sempre utilizava outros nomes para denominar artistas da época, como os cantores Antonico Marcos (Antônio Marcos) e Jerri Adriano (Jerry Adriani).

Esta edição marcou a estreia de um personagem muito querido: o Louco, que foi idealizado por Marcio Araujo, irmão de Mauricio de Sousa.

Em *Uma história muito louca*, há muitas diferenças para o personagem atual. Enquanto o original vivia em um hospício e só "imaginava" suas doideiras, o de hoje mora em uma casa no bairro do Limoeiro e suas pirações atravessam paredes, num grande exercício de metalinguagem – a sua insanidade está no limiar do exagero e mais parece truques de mágica.

Seu visual foi inspirado no desenhista Sidnei Losano Salustre, que trabalha no estúdio há mais de 50 anos e segue brindando o público com sua arte. Na época, alto, magro e com uma vasta cabeleira, Sidão foi o "modelo" usado por Mauricio para o personagem.

A história *A gênia* foi inspirada no seriado *Jeannie é um gênio*, protagonizado pela atriz americana Barbara Eden, que na época ainda era exibido no Brasil.

Esta seria a primeira de muitas envolvendo gênios, garrafas e lâmpadas maravilhosas nos primeiros números de *Cebolinha*.

Por falar nisso, em 1964, Mauricio produziu para o *Suplemento Juvenil*, do *Diário de S. Paulo*, tiras de um menino que encontrava uma garrafa mágica, da qual saía um pinguim. Eram pequenas propagandas do Guaraná Antarctica.

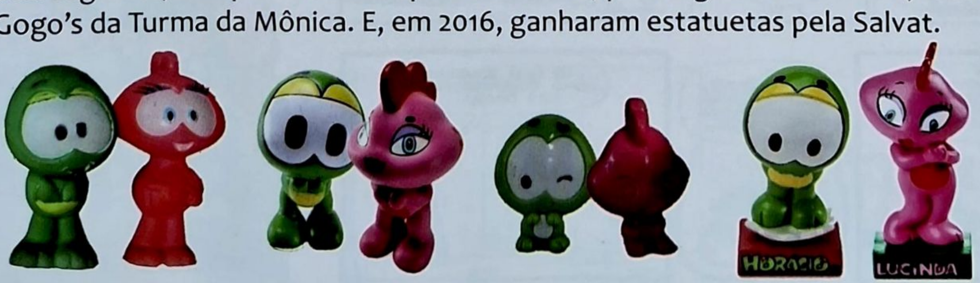
Em *A Invocada*, a Mônica já não era tão brava como nas primeiras tiras, mas ainda fazia jus à fama.

Logo no início, a dentucinha apresentava um mau humor constante. Bastava um pequeno comentário para deixá-la invocada. Aí, sobravam coelhadas, como nesta antiga tira dos anos 1960. E quase sempre pro Cebolinha, claro.

O Horácio era presença obrigatória em todos os gibis da época, ora em histórias longas e reflexivas, ora em curtas. A desta edição adapta um tabloide publicado na *Folhinha de S.Paulo* em 10 de dezembro de 1964. O traço foi refeito.

Desde que estreou, em 1964, Lucinda sempre foi muito querida pelos leitores, que se divertiam com suas paqueras com o Horácio. Pra se ter uma ideia da sua força, ela foi um dos bonecos lançados pela Troll no início dos anos 1970, com Horácio e outros personagens da Turma.

Na década seguinte, a dupla virou brinquedo de novo, pela Algazarra. Em 2011, eles integraram a coleção Gogo's da Turma da Mônica. E, em 2016, ganharam estatuetas pela Salvat.



A história com um diabinho adapta um antigo tabloide do Cebolinha. As principais diferenças estão na quantidade de quadros e de fios de cabelo do nosso amiguinho. A piada original foi publicada na *Folhinha*, em 5 de janeiro de 1964.

Naquela época, habitantes do inferno eram presença constante nos gibis e nas tiras de diversos personagens. Hoje, é difícil darem as caras.

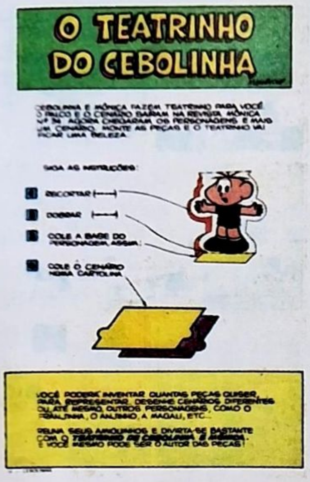
Em *Ato I*, a Turma usa e abusa das piadas de situação e de duplo sentido, algo usual naqueles tempos. O tema serve de gancho para o anúncio (ao lado) de um brinde especial que viria encartado na edição seguinte, os artistas do *Teatrinho do Cebolinha*. E, 15 dias antes, sairia o cenário na revista da Mônica.

A HQ *Bichinhos de estimação* mostra a primeira aparição do *pet* do Cascão, um porquinho ainda sem nome. Ele só seria conhecido por Chovinista a partir do ano seguinte, em uma tira da *Folha de S.Paulo*. Veja ao lado.

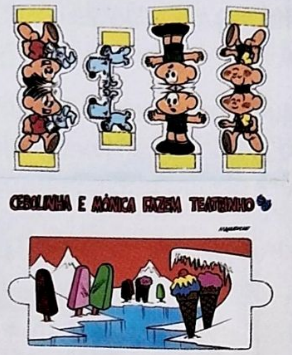
A primeira menção do porquinho como animal de estimação foi numa tira na *Ilustrada*, em 25 de agosto de 1963, 17 dias após a estreia do Cascão.

Ele também foi destaque na capa da *Folhinha*, em 24 de abril de 1966. Os porquinhos eram muito presentes nas tiras do Cascão nos anos 1960 e 1970. Embora nem todos fossem o Chovinista, alguns já traziam afinidades com o menino e vice-versa.

Cebolinha # 2 (fevereiro de 1973)



Originalmente, esta edição veio com a segunda parte do *Teatrinho do Cebolinha*, um brinquedo de recorte e cole, na página central, em papel cartonado.



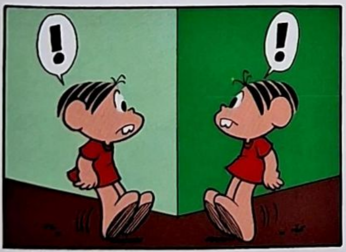
Curiosamente, lembra muito o cenário da história *O Astronauta no planeta dos homens-sorvete*, que saiu em 1965, num livro da Editora FTD, e em 1972 foi adaptado para a edição 28 de *Mônica* (ver *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica* 1972).

Em *A Cabaninha*, Cebolinha e Cascão tentam de todas as maneiras montar o que seria um protótipo do clubinho. Nessa época, as histórias começaram a ser mais visuais do que subjetivas. Embora ainda fossem roteirizadas por Mauricio, vale notar sua adaptação aos novos tempos. Os roteiros intricados eram substituídos por tramas com muito mais movimento e ação.

O clubinho só seria chamado assim no título de uma história de *Cebolinha* 26, da Abril, lançada em fevereiro de 1975.

Já em *Cebolinha* 45, de setembro de 1976, pela Abril, Cebolinha, Cascão e outros meninos resolvem colocar o clubinho em pé.

Na época, a exemplo da americana Marge, criadora dos personagens Bolinha e Luluzinha, Mauricio abraçou a ideia de que os meninos gostariam de ter o espaço só pra eles.



Eis que aparece no bairro uma menina igualzinha à Mônica, em *Qualquer semelhança é mera coincidência*. A única diferença é que Gilda é calma demais.

A história receberia continuação em *Ah, Gilda, Gilda!*, lançada em 1974, na revista *Mônica* 45, que será republicada em *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica* 1974.

Bidu e Franjinha brilham em uma história com duplo sentido, na qual "lata" pode ser um substantivo e um verbo.

Piada semelhante foi utilizada em tira do cachorrinho azul, publicada na *Ilustrada*, em 16 de janeiro de 1970.

O Floquinho sempre rendeu boas piadas. Na época da publicação desta história, seus pelos ainda não eram retratados de forma tão exagerada, como nesta tira mais recente.

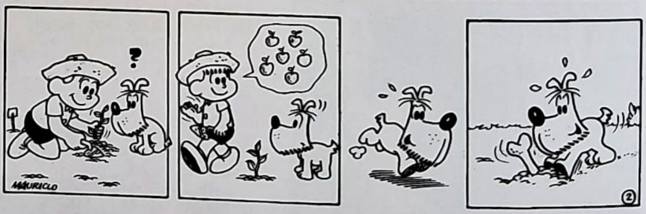
O elefante mais amado do Brasil não consegue dormir em *O barulhento*. Nas tiras seriadas da Turma da Mata, algo semelhante aconteceu, mas o Jotalhão não leva a culpa desta vez. Curiosamente, Raposão o chama de delegado. É que, na época, era ele era quem impunha a ordem na Mata.

O Espinho é o retrato de uma época mais inocente e sem a preocupação com o politicamente correto. Exemplo disso é uma criança queimar o pé da outra e usar um formão para tirar um espinho!

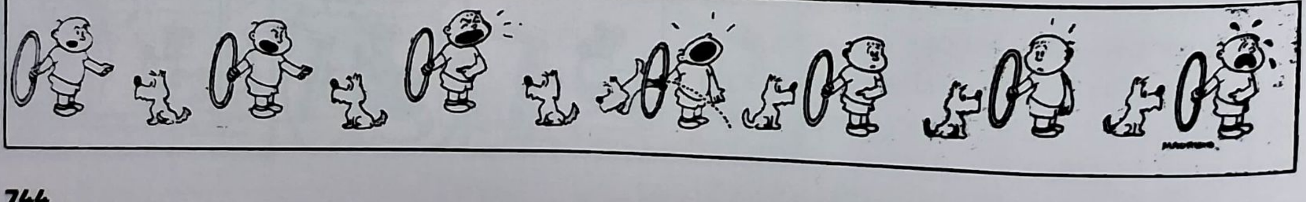
A história tem como base a fábula do leão e o ratinho. Mas a referência termina logo após a primeira página.

A fábula voltaria a ser utilizada em histórias do Bidu, do Horácio, da Mônica e de outros personagens.

A árvore de esqueletos da história *Um pé de osso* escancara a inocência da Turminha. Se Cebolinha e Mônica imaginam uma árvore de ossos, por que Bidu não faria o mesmo? Nesta tira publicada na *Ilustrada*, em 18 de janeiro de 1964, é o que acontece.



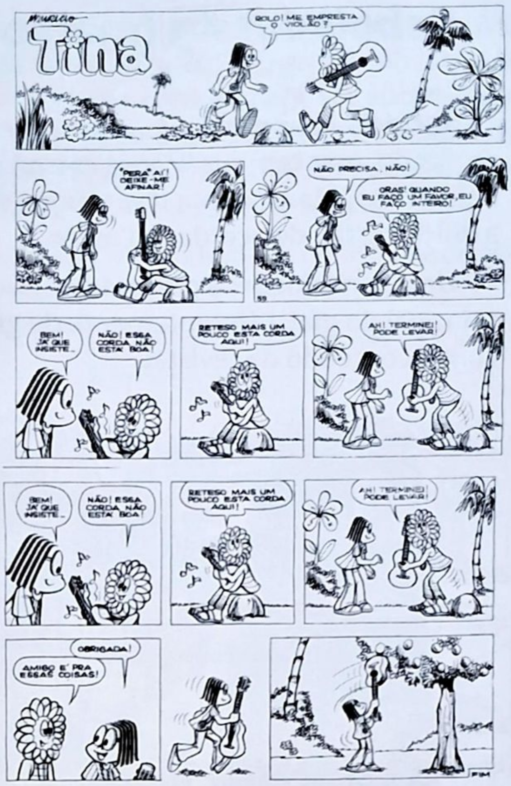
Franjinha utiliza um dos seus inúmeros truques para dar banho no Bidu na história de uma página deste número. E a dupla já brincava com um aro muito tempo antes, em uma de suas primeiras tiras, de 1959.



A primeira transmissão televisa feita em cores no Brasil aconteceu em fevereiro de 1972, um ano antes de *Cebolinha* 2 chegar às bancas. Por isso, em *Rolo na TV*, não é de se estranhar a pergunta do protagonista: "Televisão? O programa é em cores?" Afinal, na época tratava-se de uma grande novidade no país.

O violão sempre fez parte da história do personagem. Não foram poucas as tiras e histórias em que ele aparece dedilhando o instrumento.

Nesta à direita, publicada em 4 de janeiro de 1973, no suplemento *Quadrinhos*, da *Folha de S.Paulo*, ele toma todas as precauções antes de emprestar o violão para Tina. O que ele não imaginava eram as reais intenções de sua amiga.



Em mais uma história de uma página, Cebolinha decide dar uma incrementada em seu carrinho de brinquedo, tal qual ele fez nesta tira de 1971.

Aquela barba dá uma "aulinha" sobre o crescimento da barba. É hilário pensar em como Cebolinha imagina a barba e o bigode em seus antepassados, nesta tira de 1972.

Em outra tira, Xaveco força sua imaginação para constatar que Cebolinha não ficaria nada bem de bigode.

Cascão – O Limpo é um clássico, pois, em uma cena rara, que deixará os fãs mais ardorosos incrédulos, o Cascão é molhado: um líquido cai na cabeça dele. Outra curiosidade é a mãe da Mônica, que aparece estranhamente loira.

A ideia central desta história seria reaproveitada poucos anos depois, com a criação do Doutor Olimpo e do seu atrapalhado assistente Sapóleo, que estreariam em junho de 1976, em *Cebolinha* 42, da Abril.

Cebolinha # 3 (março de 1973)

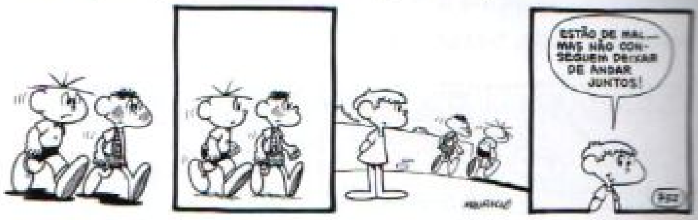
O *feio adormecido* é uma história marcante. Um mago idoso descobre um elixir do sono profundo, mas tem sua licença cassada e seu castelo confiscado. A parte do "Era uma vez" termina aqui. Então, Mauricio usa diversas *gags* e piadas para trazer a trama para o Limoeiro, e a Turma tem a difícil missão de acordar o Cascão.

Uma curiosidade: a partir deste número, as capas de *Cebolinha* trariam artes alusivas à história principal do gibi. Diferentemente do gibi da Mônica, em que se se usava piadas visuais sem relação com o conteúdo da revista.

A fábula da Bela Adormecida foi revisitada mais algumas vezes durante os anos que se seguiram, tanto na Turminha, como no núcleo do Chico Bento.

Os amigos demonstra bem como é a relação do Cebolinha e do Cascão. Umas briguinhas aqui e ali, orgulhos feridos e até uma chantagem convergem para um final sempre feliz, como toda boa amizade deve ser.

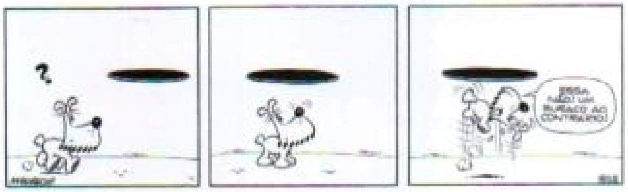
Esta tira publicada em 1º de julho de 1965, na *Ilustrada*, é outro exemplo do tanto que a dupla é inseparável, mesmo naqueles momentos em que não trocam uma palavra sequer.



Na história *Quem não se comunica*, Tina dá uma verdadeira aula de expressões *hippies*. A Pipa, como sempre, faz o papel da amiga desatualizada que não entende nada dos costumes, hábitos e gírias. Dentre os termos ensinados estão: grilado, curtir, lance, saca e até uma menção ao apresentador de televisão Chacrinha. "Quem não se comunica, se estrumbica" era um dos bordões mais famosos do Velho Guerreiro.

Pipa surgiu nas histórias da Tina justamente para representar o oposto de tudo que a protagonista significava na época. O curioso é que ela fez por algum tempo o papel de pretendente do Rolo.

Isso rendeu boas piadas nas tiras e tabloides de jornal do início dos anos 1970, mas foi logo abandonado, para que Pipa tivesse seu namorado oficial, o Zecão.



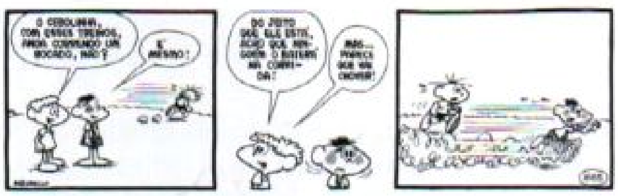
Um buraco ao contrário é mais um exercício gostoso com aquele toque de absurdo e inexplicável tão comum naquela época. Esse artifício continua a ser usado nas histórias do Bidu, quando ele se vê como um personagem, e não como o cachorro do Franjinha.

Esta tira do Bidu, publicada na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, em 11 de setembro de 1971, pode até ser considerada uma inspiração da aventura vivida pela Turminha.

Seria a Thuga uma antepassada do... Cebolinha? Afinal, ela vive bolando planos infalíveis, só que para "capturar" o Piteco. Mas nenhum funcionou até hoje.

O problema é que o Piteco (agora usando o traje vermelho com bolas pretas) também tinha lá seus truques e, às vezes, se valia de algum disfarce para escapar da moça ou para recuperar suas roupas.

Aliás, o Piteco sempre foi um mestre nos disfarces. Nesta história seriada, publicada em janeiro de 1963, no *Diário da Noite*, de São Paulo, ele se faz passar por um vidente só para enganar a Thuga.

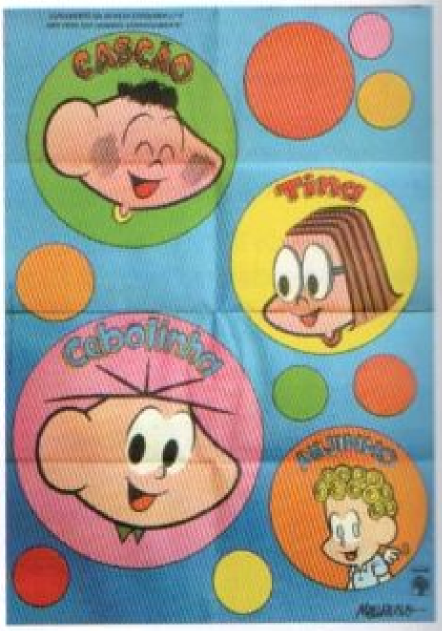


Quem nunca deu boas risadas com a velha competição entre o Cebolinha e o Cascão? Esse "vamos ver quem é o melhor" rende histórias excelentes até hoje. Na época de *O salto*, o Anjinho não se limitava a dar lições de moral. Muitas vezes, ele se comportava como um perfeito traquina e armava planos, participava de clubinhos e era até comparsa nas armações dos seus amigos contra a Mônica.

Embora não seja possível estabelecer quem venceu mais competições, é incontestável que Cascão é o maioral na corrida, principalmente quando o motivo é fugir da chuva, como nesta tira de 1968.

A tirinha que fecha a edição é uma versão de outras publicadas nos anos 1960, em que Floquinho faz o papel de peruca, cachecol ou, no caso da Mônica, as duas coisas.

Cebolinha # 4 (abril de 1973)

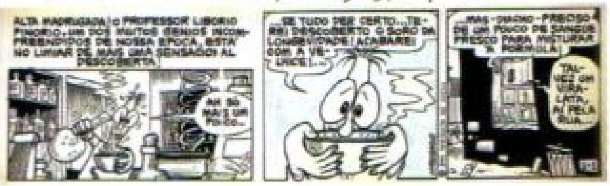


A quarta edição chegou às bancas com um pôster com as imagens de Cebolinha, Cascão, Anjinho e Tina. Era o segundo de uma coleção composta por quatro, que saíram tanto na revista da Mônica, quanto na do troca-letras. Na *Biblioteca Mauricio de Sousa*, eles não estão incluídos, mas serão reproduzidos nesta seção.

Chamem os bombeiros! Convoquem a imprensa! Parem a impressão! O inimaginável aconteceu! Sim, isso mesmo! O infalível, invencível e incorrigível sujinho mais amado do Brasil **se molhou!** E foi em *O mundo vai explodir!*

Nesta história, o Cascão se rendeu à água. Pode não ter sido um banho completo, mas ao menos lavou as mãos. O momento tão comemorado não foi documentado e nem desenhado. Mauricio resolveu deixar para a imaginação dos leitores. Pelo menos, o personagem aparece enrolado na toalha e todo traumatizado.

Os cientistas malucos sempre renderam bons roteiros. Mauricio já os utilizava desde as antigas tiras de Bidu e Franjinha. Na série *O elixir da vida*, o cãozinho recebe o toque de midas e começa a transformar tudo em ouro, quando bebe a poção de um desastrado cientista. Esta é, na verdade, a primeira grande história desenvolvida pelo pai da Turminha, pois foi publicada em 25 tiras em 1959, na *Ilustrada*. Vale apontar a semelhança entre o cientista e o Professor Trifólio Girassol, das aventuras de Tintim, do belga Hergé.



Em outra aventura, de 1965, o professor Liborio Finorio (sem os acentos agudos), que parece ter saído de um desenho do estúdio UPA (casa de séries como *Mister Magoo* e *Gerald McBoing Boing*), acha que enfim descobriu a fórmula da longevidade, mas, na verdade, acaba deixando seu avô com a cara do Bidu.

Cebolinha de patins é mais um roteiro divertido, que apostou no pastelão e nas *gags* sem texto. Em tira publicada em 4 de abril de 1967, na *Ilustrada*, Cebolinha já se arriscava a andar de patins e, assim como o Cascão, não era tão corajoso assim.

No início dos anos 1970, a Cica distribuiu em seus produtos miniaturas da Mônica e do Cebolinha vestidos em traje de gala. Coincidência ou não, talvez a inspiração tenha vindo de *A rigor*. Ou vice-versa.

A história do Horácio foge um pouco do estilo emocional e traz uma piadinha de situação com o Estego, um dinossauro... azul! Naquela época de tanta criatividade, ninguém questionava a cor. E vai saber se eles não eram realmente dessa tonalidade?

O fato curioso é uma inversão na ordem das coisas: era natural tabloides publicados na *Folhinha* serem adaptados para os gibis, mas esta aventura saiu antes nesta revista e só pintaria no suplemento dominical da *Folha* nos dias 9 e 16 de abril de 1978.

Desde que estreou, Estego mudou algumas vezes, tanto de aparência como de cor, até chegar em seu visual azul. Além disso, outros estegossauros fizeram pontas nas histórias do Horácio, como este do tabloide de 1º de setembro de 1974, cujo desenho ocupou a página inteira da *Folhinha*.

Na história sem título, Cascão se admira do que uma lupa é capaz de fazer, numa piada que já havia sido usada de forma similar com o Chico Bento, nesta tira de 1967.

A história do Penadinho foi publicada originalmente no *Diário de S. Paulo*, na década de 1960, e redesenhada para a revista. Nela, o protagonista contracena com o Pixuquinha e deixa escapar em que plano espiritual eles estão – em forma de trocadilho.

Originalmente, Tina e Rolo eram baianos. Muito do movimento *hippie* no Brasil partiu de Salvador. Por isso, foi lá que Mauricio decidiu situar as histórias dos dois.

Em *O falso baiano*, Rolo tenta ajudar turistas, mas não percebe que estava ao lado de uma placa de informações. Porém, num tabloide publicado no suplemento *Quadrinhos*, da *Folha*, em 11 de fevereiro de 1973, ele reclama da presença de tantos turistas em sua cidade.

Uma curiosidade: na edição original do gibi, o menino que aparece na última página tem marcas de lápis em volta do seu chapéu azul. Era uma sinalização de que algo ali deveria ter sido arrumado, mas acabou saindo na impressão final.

O curioso de *Amor, sublime amor* é que a menina linda que balançou o coração do Cebolinha não dá as caras. Fica a cargo do leitor imaginá-la. A única certeza é que, como se sabe, a paixãozinha do Cebolinha é e sempre será a Mônica, como mostram as tiras abaixo, da década de 1960. Hoje, essas piadas não seriam mais usadas, pois crianças não namoram. Mas eram outros tempos, e a criançada levava tudo na brincadeira.

A Turminha sofria um bocado na época de *Agora também em líquido*. Volta e meia, os personagens ficavam invisíveis, minúsculos, gigantescos, verdes, azuis e até se transformavam em água, como se vê aqui.

Nessas tiras de 1965, Mauricio deu um jeito de fazer o Cebolinha sumir sem poção, mágica ou invenção. Ele simplesmente fez de conta que não estava ali e "evaporou".

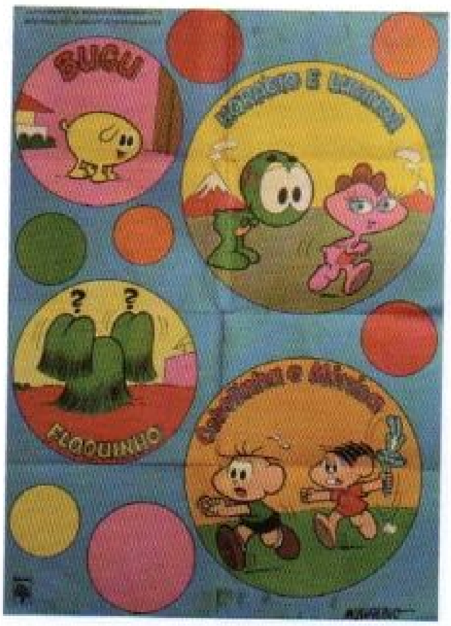
A tira que fecha a edição é a típica ação de quando o feitiço se volta contra o feiticeiro. Piada semelhante foi usada numa história de uma página na revista *Zaz Traz* 5, da Continental, em 1960.

Essas aventuras clássicas foram republicadas pela Panini, em 2015, no especial *Coleção Histórica – Mauricio*.

No mês de abril de 1973, a revista trouxe apenas uma propaganda ligada à Turminha, a da coleção de pôsteres.

Cebolinha # 5 (maio de 1973)

A edição trouxe como brinde um pôster com Bugu, Floquinho, Horácio e Lucinda e Mônica e Cebolinha.



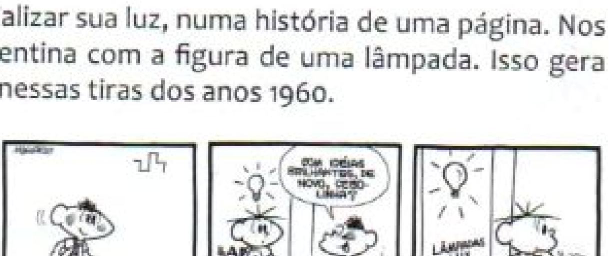
A varinha de condão é mais uma história em que o imprevisível acontece e, do nada, surgem duendes, dragões, lâmpadas maravilhosas e, neste caso, fadas. Tudo isso fazia parte do dia a dia da Turminha. E ninguém precisava explicar nada; era só magia.

Diversas vezes, os personagens acharam pelo caminho algum artefato mágico. Em *A Transformação*, publicada em *Cebolinha 31*, da Abril, em julho de 1975, é Mônica que encontra uma varinha mágica. O mesmo acontece em *Entre as bruxas e as fadas* (*Mônica 48*, da Abril, de abril de 1974), cujo título é inspirado na música de sucesso *O vira*, do grupo *Secos & Molhados*. A letra trazia a frase: "entre os sacis e as fadas, e lá no fundo azul..."

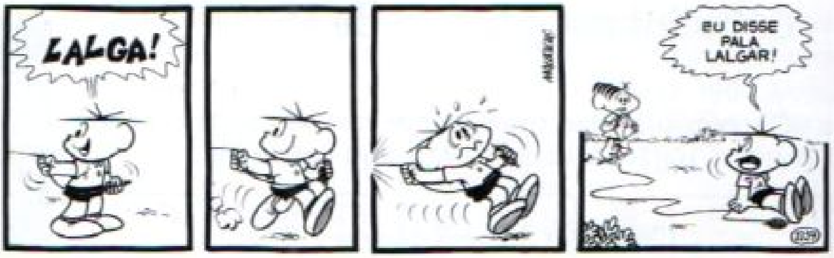
O Louco começava a ganhar espaço e era nítido que tinha grande potencial. Chegou de mansinho e logo teria praticamente uma história por gibi. No início, ele apenas sofria de alucinações e era um caso psicótico. Suas doideiras não se materializavam.

Muita gente insiste que só o Cebolinha enxerga o Louco, mas *Novamente, uma história muito louca* é só um de tantos exemplos contrários. Nela, o Cascão o conhece, como aconteceria mais tarde com outros personagens.

Cebolinha utiliza a metalinguagem para materializar sua luz, numa história de uma página. Nos quadrinhos, é comum representar uma ideia repentina com a figura de uma lâmpada. Isso gera muitas piadas, com abordagens diferentes, como nessas tiras dos anos 1960.



Em mais uma história de uma página, o Cebolinha diz para o Cascão não largar a pipa. Já nesta tira, publicada na *Ilustrada* em 12 de maio de 1970, ele faz o contrário, mas com a Mônica.



A história da dinossaurinha turista que descobre o significado da palavra saudade foi publicada primeiro na *Folhinha*, em 28 de março de 1971. Na versão original, a personagem é rosa, e não laranja, como saiu no gibi.

Escrita e desenhada por Mauricio de Sousa, esta foi uma das muitas histórias do Horácio publicadas no Japão, na revista *Ichigo Shimbun*, de Tóquio.

No dia 25 de junho de 1978, a *Folhinha* republicou este tabloide, só que na horizontal e em português e japonês, em comemoração aos 70 anos da imigração nipônica no Brasil.

No primeiro quadrinho de o *Irresistível*, o Cebolinha está numa pose parecida à que, anos depois, seria imortalizada na escultura *O pensador de planos infalíveis*, na exposição *História em Quadrões*, parodiando a original do francês Auguste Rodin.

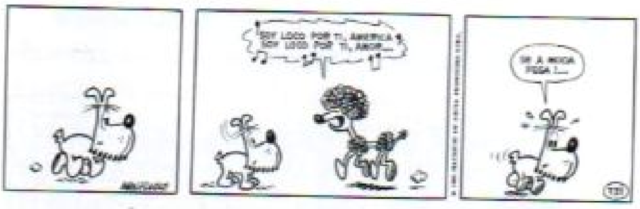
Mauricio chegou a posar junto ao Cebolinha Pensador. Uma versão menor da escultura, feita em bronze, foi comercializada na época. A peça, de 15 cm de altura, se tornou um item raro disputado por colecionadores.

Muitos leitores jovens talvez nem saibam o que era a tal fotonovela, citada em *O patim feio*. Tratava-se de revistas que publicavam sequências de fotos contando uma história. Os textos falados eram representados em balões, como nos quadrinhos.

O título da história é uma brincadeira fonética com *O patinho feio*, claro. Só que esses trocadilhos foram sendo deixados de lado quando as revistas da Turma começaram a sair em outros países, por serem intraduzíveis.

Os leitores que conhecem bastante de música popular brasileira podem pensar que *A alanha alanha* foi inspirada na letra de *Qualquer coisa*, de Caetano Veloso. Mas a resposta é não, pois a canção seria lançada em 1975, dois anos após esta história.

O título vem de um trava-língua bem mais antigo: *A aranha arranha o jarro.*



Mas já que Caetano Veloso foi citado, Mauricio o homenageia em uma tira publicada na *Folha de S.Paulo*, em 27 de fevereiro de 1968, em que Bidu canta um trecho da música *Alegria, alegria*, que o autor apresentou no 3º Festival de MPB da TV Record, em 1967.

Caetano também foi lembrado numa tira de 9 de fevevéreiro de 1968, quando um *poodle* tropicalista canta um trechinho de outro grande sucesso dele, *Soy loco por ti, América*.

Na tira que saiu na *Ilustrada* em 21 de março de 1968, Bidu menciona não só Caetano, mas também Gilberto Gil, numa fala relacionada ao movimento vanguardista Tropicália, que surgira no final dos anos 1960.

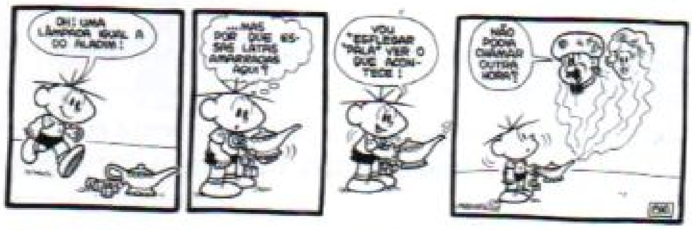
Por fim, o próprio dá as caras na tira de 24 de setembro de 1968 com o seu jargão 'É proibido proibir". Mauricio, sempre antenado com o que acontecia ao seu redor, utilizava os assuntos do momento nas tiras, dando a elas um frescor quase jornalístico.

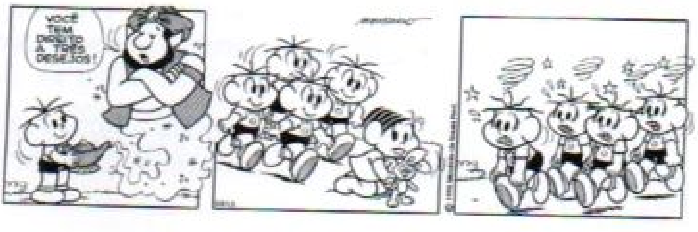
De onde veio o felino que atravessa a estrada na frente do Cebolinha? Seria uma menção à já citada *O vira*, sucesso do Secos & Molhados, cuja letra diz "O gato preto cruzou a estrada..."?

Não dá pra saber. No entanto, na edição 22 da Abril, Cebolinha e Cascão fariam uma homenagem a dois integrantes do grupo (Ney Matogrosso e João Ricardo), na divertidíssima história *Os abobrinhas*, que será comentada no segundo volume da *Biblioteca Cebolinha*.

Mauricio sempre adorou brincar com o mistério de olhos que brilham no escuro, como acontece em *O gênio do caixote*.

Aproveitando o tema, vale lembrar que o autor usou esses seres mágicos diversas vezes nas suas produções. Quase 20 anos separam as tiras abaixo. A primeira é de 1969 e a segunda, de 1988. Mas a mais antiga é bem mais ousada...





Cebolinha # 6 (junho de 1973)

A *flauta* é baseada na clássica fábula dos Irmãos Grimm, *O flautista de Hamelin*, na qual um homem salva uma aldeia de uma invasão de ratos tocando músicas.

Quase três anos depois desta história, a Turma da Mata também teve sua versão do conto do flautista, publicada entre janeiro e fevereiro de 1976, na *Ilustrada*. E ela seria adaptada para o gibi em *Cebolinha* 53, da Abril, de maio de 1977.

Cascão tenta safar Cebolinha de uma situação constrangedora em *Depois da queda*. Para isso, ele utiliza métodos pouco ortodoxos e inimagináveis atualmente, como jogar um balde d'água no amigo e (quase) utilizar uma picareta!

Esta não foi a primeira vez que Cebolinha se viu preso ao chão, sem nada poder fazer. Nessas quatro tiras de 1964, ele precisou da ajuda do Xaveco e do Zé Luís.

Na história de dois terços de página, o Cebolinha se veste de pintor, com direito a boina e jaleco branco. Essa fantasia característica foi utilizada muitas vezes, tanto pelo Cebolinha quanto por qualquer outro personagem que inventasse de pintar, como se vê nessas tiras de 1969 e 1973.

Para felicidade dos leitores e tristeza do Bidu, Bugu retorna nesta edição. Ainda andando sobre quatro patas, o cachorro amarelo vivia o auge de suas artimanhas. Por isso, aparecia praticamente todos os meses em alguma revista.

A exemplo do que acontecia com o Horácio, as histórias dos cães não tinham título. Mauricio usava os nomes Bidu e Bugu no topo da primeira página e brincava com as formas, posições, cores e ângulos, nunca repetindo as ideias.

Como já contamos em *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica – 1972*, Bugu era o alter ego de Marcio Araujo, irmão do Mauricio, querendo aparecer nas histórias para dar seu alô para a mãe e mostrar que também estava por ali.

Marcio foi um dos primeiros roteiristas do estúdio e, anos mais tarde, seria o responsável pelas músicas dos discos, dos filmes, comerciais de TV e peças de teatro da Turma.

Bugu estreou em 1969, na *Ilustrada*, mas só nesta tira de 1973 ele usa o jargão "Alô, mamãe!" também no jornal, para desespero do Bidu.

Houve um tempo em que Chico Bento foi acusado de ser uma má influência para a língua portuguesa e o aprendizado das crianças. Então, por um breve período, como se vê em *Eu quero dormir*, ele falou corretamente. Isso durou pouco, pois os educadores perceberam que ninguém começou a falar "caipirês" por causa do personagem.

Em uma tira de 1963, quando ainda era protagonista da tira que depois migraria para o Chico Bento, o Zé da Roça também não conseguia dormir, mas por causa de um certo dragão que teimava em segui-lo.

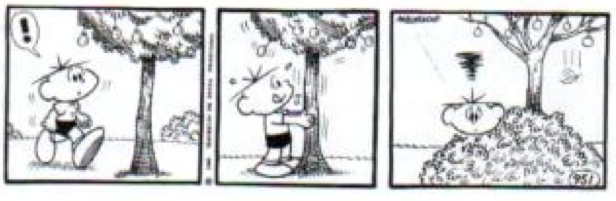
A versão super-heroica do Horácio estreou em 28 de junho de 1970, na *Folhinha*. E a aventura desta edição, diferentemente das anteriores já publicadas na *Biblioteca*, foi feita por Mauricio apenas para os gibis. Isso a deixou com outro ritmo e continuidade, sem ficar presa a capítulos.

E, mais uma vez, um ser "não-dinossauro" contracena com os personagens. O tal Abominável parece saído de um filme de *Guerra nas Estrelas* (um Wampa do planeta gelado), em uma galáxia muito, muito distante.

Nos anos 1970, a marca registrada da turma *hippie* da Tina era zoar com os hábitos, costumes e regionalismos. O primo paulista do Rolo, por exemplo, vira um ótimo gancho para a história.

O visual desse falador com cabelo de guarda-chuva é um exemplo da criatividade do Mauricio, sempre mexendo com formas e cores, como se vê também neste meio tabloide do mesmo período, com outro amigo que ajuda Rolo a fazer uma serenata.

Uma tira do Cebolinha, publicada em 18 de fevereiro de 1966, na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, é semelhante à que fecha a edição. A diferença está no que cai da árvore...



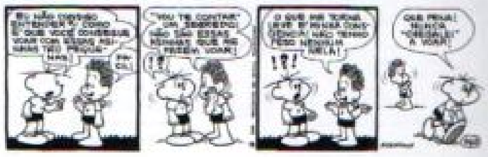
Cebolinha # 7 (julho de 1973)

Esta edição foi a primeira a dar os créditos à equipe do estúdio no expediente, na última página. Na época, a maioria das histórias ainda era roteirizada pelo Mauricio, que tinha que dar conta também da revista da Mônica e das tiras de jornal dos outros personagens.

Mas já havia artistas que o auxiliavam no desenho, arte-final, cores e letras. Seus irmãos, Marcio e Yara, ajudavam em um ou outro roteiro. Por isso, não havia ainda um time grande de roteiristas, como é atualmente.

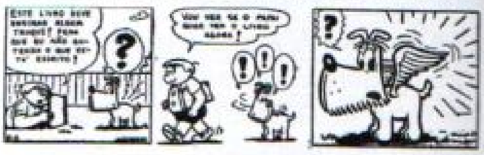
Confira os profissionais creditados: Alice Keico Takeda, Alvin Lacerda Filho, José Claudino Gomes, Sérgio Tiburcio Graciano, Paulo Teodoro Domingos, Sidnei Losano Salustre, Marcio Roberto de Sousa e Yara Maura Silva.

Inspirada no sonho de voar e levemente baseada na fábula de Ícaro, *Cebolinha voador* abriu a edição do mês em que o Brasil comemorava o centenário do nascimento de Alberto Santos-Dumont.



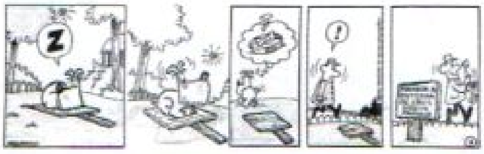
As duas revistas da Turma, em julho de 1973, vieram com passatempos sobre o tema e com um selo na capa, ao lado do logotipo da Abril.

E não foi a primeira vez que Cebolinha quis voar. Nas tiras de 1966, ele tenta descobrir como fazer isso com a ajuda do Anjinho. E, no fim, até acha que conseguiu.



Em uma de suas primeiras tiras, publicadas em 1960, na *Folha de S.Paulo*, Bidu é quem cria asas e sai voando.

Já o Cascão, em janeiro de 1984, na edição 38 de sua revista pela Abril, ganhou asas de borboleta, na história *A borboleta cascuda*.



Bidu e... as placas tem a cara das histórias do cãozinho azul nos anos 1970, com diversos objetos inanimados conversando com ele. Desta vez, as placas dão uma aula de trânsito.

Mas, no início das tiras, esses objetos eram realmente inanimados, e Bidu os utilizava assim. Que o digam as placas dessas tiras publicadas entre janeiro e abril de 1964, na *Folha de S.Paulo*.

Em *Quem é o bom?*, temos a figura do menino truculento e de mau humor, geralmente um criador de problemas. Desde os anos 1960, esses coadjuvantes já faziam o papel de "vilões" da Turma, bem antes da criação de malvados reais como o Capitão Feio.

O cemitério que serve de lar para Penadinho e seus amigos parece um condomínio. Afinal, sempre aparece algum fantasma batendo na "porta" dos caixões ou tumbas.

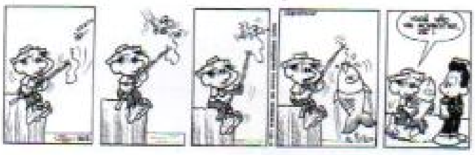
Neste tabloide publicado nos anos 1960, Penadinho também foi contemplado, mas o prêmio foi uma televisão. Na época, os aparelhos recebiam o sinal por antena, que precisava ser mexida para estabilizar a imagem. Os tais "fantasmas" eram imagens tremidas e com sombra, decorrentes da péssima captação.

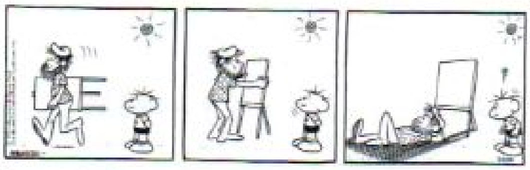
As televisões eram tão raras, que quando alguém instalava uma antena no telhado, logo virava assunto, como se vê nesta tira publicada no dia 9 de abril de 1961, na *Ilustrada*.

Carona tinha o pé no pensamento *hippie* daqueles tempos. Já nesta tira de 1976, Tina e Rolo saem em busca de carona, mas como não era todo mundo que parava, eles tinham seus truques para conseguir.

Esta edição foi pra deixar qualquer defensor da natureza de cabelos em pé. Além do menino que vendia peles de animais na estrada para Feira de Santana, na história da Tina, em *A pescaria* há um massacre de passarinhos nunca visto na Vila Abobrinha.

Nesta tira de 1968, Chico utiliza o mesmo método para "pescar passarinho". Só que a pobre ave vira isca de um peixão. Há muitos anos, Mauricio decidiu abolir esse tipo de piada nas publicações.





Lá estava o Cebolinha bancando o pintor de novo, em *Os Artistas*. Esse tema rendia tanto, que a Turminha contracenava com pintores (ou quase isso) com uma certa frequência. Como nesta tira de 1968.

Cebolinha 7 trouxe a propaganda de um produto bem bacana: o colchão da *Turma da Mônica*, da Probel, que era vendido nos tamanhos infantil e juvenil. Na época, os anúncios eram dirigidos às crianças, algo que não acontece há anos nas revistas da **MSP**.

Cebolinha # 8 (agosto de 1973)

Embora a capa e o título da história de abertura da edição façam alusão a bangue-bangue, isso é apenas o estopim para o desenrolar da verdadeira trama: o sumiço do Cascão.

Há alguns anos, os gibis da Turma não mostram crianças com armas de brinquedo, mas na década de 1970 elas eram comuns.

E o Cebolinha já brincava de bangue-bangue bem antes de ter seu próprio gibi. Nesta tira de 1968, por exemplo, ele é salvo por uma sétima cavalaria um tanto diferente...

No início, o Cebolinha tinha uma vasta cabeleira "espetada", tal qual uma cebola. Mas os fios foram diminuindo gradativamente, muito pela urgência de Mauricio para entregar as tiras. Como o tempo era curto, era preciso sintetizar. Em *Com cabelo nos olhos,* Cebolinha quase volta a exibir (de um jeito bem exagerado) a sua antiga cabeleira.

Essa mesma piada foi usada diversas vezes. Em 1963, uma boina esconde seus cabelos. Já em duas tiras de abril de 1965, Cebolinha ostenta longos, porém poucos, fios e chega a mencionar o cabeludo Ringo Starr, integrante dos Beatles.

O barítono – A música *Catali* (com "L") que o Cebolinha canta nesta história é, na verdade, a ópera *Core'ngrato*, cujo refrão "Catarí! Catarí!" era lembrado numa propaganda daquele início dos anos 1970.

Em 1973, as aventuras do Super-Horácio saíam intercaladas, em *Cebolinha* e *Mônica*. Aqui, ele enfrenta temíveis e revoltadas... pedras falantes!

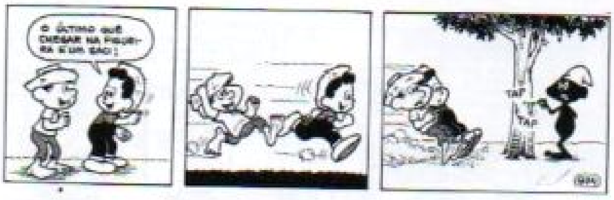
Com duas revistas mensais, Mauricio percebeu que não conseguiria adaptar todos os tabloides publicados na *Folhinha*. Por isso, teve que bolar histórias inéditas, como esta.

A ambiguidade do Horácio e do Super-Horácio é tamanha, que eles se tornaram dois personagens, praticamente. Inclusive, no clássico álbum de figurinhas da *Turma da Mônica*, de 1978, os dois têm seus próprios cromos.

Difícil precisar quando surgiu a história do Saci-Pererê, mas foi em 1921, quando Monteiro Lobato lançou seu livro *O saci*, que ele se tornou popular. Mauricio, quando criança, leu toda a obra do criador do *Sítio do Pica Pau Amarelo* e foi muito influenciado por ela.

Como parte do imaginário popular, o Saci não poderia faltar nas histórias do Chico Bento. A desta edição introduz o personagem nos gibis, mas ele já participava das tiras de jornal há anos.

É o caso desta charge que Mauricio publicou na *Folha de S.Paulo*, em 12 de março de 1960, e dessas tiras produzidas nos anos 1960.



Em tempos de internet e celulares, é raro ver crianças brincando com telefones de latinha. Mas acredite: dava pra escutar a outra pessoa a metros de distância, mesmo falando baixinho! Era divertido demais, mas o comentário final do Cebolinha deve ter deixado várias leitoras bem bravas.

Nesta tira de 1972, a Turma não só brinca com as latinhas como também pede ajuda à telefonista. Porque a história é do tempo em que era preciso chamá-la para solicitar uma ligação.

A curiosidade na história do Bidu é que, na edição de agosto de 1973, o Bugu saiu alaranjado. Foi um erro, corrigido neste volume.

Cebolinha # 9 (setembro de 1973)

Novamente, Mauricio transforma um tema simples em uma grande história. Imagine só: o milésimo cliente entrava no supermercado e era contratado para gravar uma propaganda!

Em *A nota*, o autor junta dois temas que já havia usado antes, mas de um jeito diferente: o garoto-propaganda e o Cebolinha tendo que se virar com um trava-língua.

Na época, os leitores queriam saber a razão dos problemas de pronúncia do Cebolinha. Então, primeiro falou-se em dislexia, depois em dislalia e, atualmente, o termo mais usado por fonoaudiólogos é distúrbio articulatório.

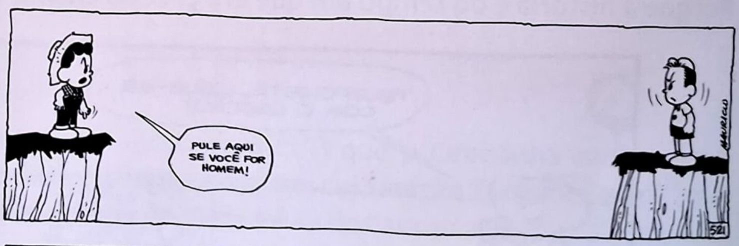
Mas e o Cebolinha no meio de tantas nomenclaturas? Bem, ele continua falando o "L" no lugar do "R", sem preocupações.

Em uma tira publicada na *Ilustrada*, em 23 de agosto de 1963, Cebolinha encontra outra nota, mas prefere dá-la ao Cascão a ficar com os micróbios.

Já na história *A goiabeira*, que saiu em *Bidu* 2, da Continental, e foi republicada na *Coleção Histórica – Mauricio*, da Panini, Cebolinha (ainda muito cabeludo) acaba dando seu dinheiro para o Franjinha. Note que, na época, ele falava de um jeito completamente diferente, mais infantil.

....

O bairro do Limoeiro deve ser o recordista mundial de vales e abismos. Embora hoje isso seja não tão frequente, Mauricio adorava colocar seus personagens, um de cada lado, resolvendo uma briga ou sofrendo pela distância.



Isso acontecia também na Vila Abobrinha. Em algumas histórias, o vilarejo mais parece o Grand Canyon, como se vê no tabloide e nas tiras do Zé da Roça, todas dos anos 1960.

E quem diria que justamente o Bidu, nosso campeão em utilizar a metalinguagem, não conseguiu caminhar no ar nessa tira de 1971?

Dois protótipos de personagens dão as caras em *Vamos pegar goiaba.* Uma pré-Dona Cotinha (a mãe do Chico Bento, com um visual mais europeu) faz uma ponta muito de longe; e um tal Seu João, um velho ranzinza que insiste em não dar nenhuma de suas frutas para os meninos. Lembra alguém? Claro, o Nhô Lau. Talvez tenha vindo daqui a inspiração para esse caipirão com seu trabuco de tiro de sal.

Mas antes do Seu João, houve outros que ocuparam o posto de vizinho furioso. Nesta tira de 1964, o homem plantava laranjas, não tinha o trabuco e nem nome.

De barbicha e com a espingarda na mão, o Seu Jerônimo, da tira de 1965, não plantava goiabas, mas sim amoras.

Já no começo dos anos 1970, também sem nome, surgiu um fazendeiro que fisicamente lembra o Nhô Lau. Mas ele cultivava melancias.

Nos gibis atuais, o signo do Cascão é Sagitário. No entanto, em *Nas estrelas, o futuro...*, é revelado que ele seria de Aquário! Mas... o que teria motivado essa mudança zodiacal? Baseado nas características de cada personagem, Mauricio optou por alterar o signo de alguns, e Cascão combinava mais com Sagitário. Mas e quanto a Aquário? Bem, foi uma piada da época, já que nada poderia ser pior para o nosso sujinho do que ter um signo relacionado à água.

As previsões do futuro sempre renderam piadas para a Turminha, como se vê nessa tira dos anos 1960, com o Cascão.

Tina e Rolo encarnavam pra valer o estilo "riponga" da época, como se vê em *O grande compositor* e também neste tabloide publicado da década de 1970.

Se ele se achava aquele que ia modificar o mundo com sua música, nossa jovem protagonista queria apenas tentar lembrar os acordes de sua canção preferida. Provavelmente, de autoria de algum ídolo que estava modificando o mundo.

Em *A limonada*, tem-se mais uma vez a típica ingenuidade da época. Afinal, lá estava a Turminha de novo frente a frente com uma dupla de bandidos. Mas não havia muito a temer com os tais criminosos, pois como sempre eles eram bem atrapalhados.

Como curiosidade, temos a participação do Seu Sousa, pai da Mônica, que ainda se parecia bastante com o Mauricio.

O começo da história é bem pacato, com o Cebolinha ou outro menino tentando ganhar um dinheirinho vendendo limonada, uma cena que se repetiu muitas vezes, como nesta tira de 1969.

A história do Piteco neste número é um horror para as feministas de qualquer época. Pobre Thuga!

A Ogra, que aparece dando uma força para a amiga, é uma das poucas personagens do Mauricio cujo traço não foi "afofado" nesses anos todos.

Ela surgiu como parte de um plano do Piteco para se livrar da Thuga. A moça, de tão feia, deveria assustá-la, só que, em vez disso, as duas se tornaram ótimas amigas.

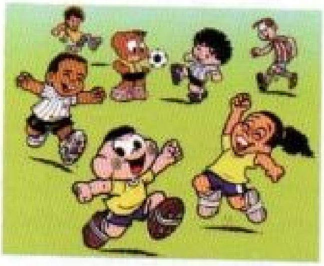
Os supersticiosos preferem que se use o termo "má sorte". E, em *O Azarado*, o Bidu teve um bocado dela. Nessa história, temos o Duque e outros cachorros diferentes e esquisitos, típicos do estilo do Mauricio.

O Bidu estrelou muitas tiras nos anos 1960 em que, por sorte ou azar, teve que lidar com a chuva.

Cebolinha # 10 (outubro de 1973)

Certa vez, um roteirista disse ao Mauricio que não saberia fazer histórias sobre futebol, pois não entendia nada do esporte. E a resposta foi: "E precisa? Criança entende? Criança só quer se divertir, correr, chutar a bola e, de vez em quando, fazer um golzinho.". *O grande jogo* é assim, sem pretensão, mas muito gostosa de ler; é uma grande brincadeira.

Basicamente, são só piadas e *gags* que acontecem em partidas de futebol. Interessante notar que, na falta de personagens que só seriam criados anos depois, um time de secundários – e desconhecidos – é que ajuda na partida e na confusão. Zeca, Pedrinho, João e Massa tiveram seu momento de glória para depois nunca mais aparecerem. E o então jogador da seleção brasileira Rivelino é citado.



Mauricio se aventurou pelo esporte bretão algumas vezes na carreira. A primeira foi com o Boa Bola, que adorava futebol e outros esportes e teve tiras em jornais de 1964 a 1974.

Depois, foi a vez do Pelezinho, que estreou em revista própria, pela Abril, em 1976 e seguiu até 1986, com publicações e aparições esporádicas. Inspirado no saudoso rei Pelé, também teve tiras, curtas animados e vários produtos.

O terceiro craque a entrar no campo dos quadrinhos foi Ronaldinho Gaúcho, lançado em 2006 com revista mensal, tiras e série de animação. Seu material saiu até 2015.

De 2012 a 2015, foi a vez de Neymar Jr. ganhar seu próprio gibi. Dois outros craques ficaram só no projeto para virar personagens de quadrinhos. Nos anos 1990, Mauricio criou Dieguito, inspirado em Diego Maradona e seus amigos de infância. Já em 2005, foi a vez de Ronaldo Fenômeno, que chegou a ter algumas histórias produzidas, mas nunca lançadas.

Uma caixa de madeira vale uma história. Mauricio utilizou esses objetos de diferentes maneiras em suas histórias, provavelmente porque, quando criança, brincava demais com eles, dando asas à imaginação.

Carrinhos, aviões, castelos, foguetes, navios, barraquinhas de limonada, tudo vira brincadeira. É só lembrar da primeira tira do Bidu e Franjinha: o caixote era o objeto mais importante da cena, já que que o cãozinho estava escondido dentro dele.

E os caixotes eram usados em diferentes turmas. Nos anos 1970, Tina usa um para botar a boca no mundo e mostrar que tem opinião. E o Rolo, lógico, não poderia ficar atrás.

Parece que a sina do Bidu é viver se escondendo atrás das árvores, mesmo que às vezes não dê muito resultado, como em mais esse encontro com Bugu.

Bidu usa essa tática desde os anos 1960, quando buscava refúgio. E até o Franjinha faz o mesmo. Na verdade, era uma característica do estilo do Mauricio. Em suas histórias, muitos personagens se escondem atrás do tronco de uma árvore, repare.

Na história de dois terços de página, Cebolinha finge estar adiantado para o encontro com o Cascão. Não é o mesmo que acontece em duas tiras de 1960 e 1964. Só mudam os “atrasadinhos”.

Quando Mauricio passou a ter duas revistas mensais na Abril, houve uma natural divisão de personagens. O Astronauta, por exemplo, saía em *Mônica*. Mas isso não impediu o autor de fazer uma pequena história de mistério e ficção. Homens-Macacos? Vale lembrar que em 1973 a saga *Planeta dos Macacos* estava no seu quarto filme, ainda com muito sucesso. Só que Cebolinha e Cascão, pelo visto, não sabiam disso.

Assim como o Cebolinha, o Bidu também já passeou pelas linhas do quadrinho, nesta tira dos anos 1960.

Na grande cidade, traz uma das primeiras aparições do primo do Chico Bento, que mais tarde se chamaria Zeca. Em 1973, entretanto, o personagem ainda não tinha seu visual definido, e aparece loiro e com sardas.

Essas visitas à cidade grande já eram bastante exploradas desde as primeiras tiras do Chico Bento, nos anos 1960, quando ainda eram publicadas com o nome do Zé da Roça. Elas traziam uma visão hoje muito desatualizada de quem vive no interior do Brasil.

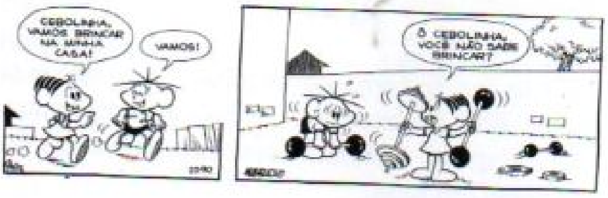
Cebolinha tenta pregar peça em seus amigos em *A flor e seus problemas*. Mas, além de se dar mal, ainda tem um sopro de generosidade, pois livra o Cascão de um esperado banho-surpresa.

Por coincidência, esta tira do Zé da Roça e do Hiro lembra tanto a história do Cebolinha, quanto a tira de expediente, que fecha a revista.

Cebolinha # 11 (novembro de 1973)

Do tempo em que Cascão fazia seu passeio matinal no lixão do bairro, vem *As botinas de sete léguas*. Ninguém explica como elas foram parar no bairro do Limoeiro, o importante era fazer rir.

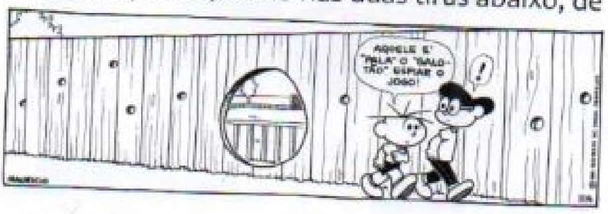
Agora, você reparou que, no penúltimo quadrinho, o Cebolinha está com um galo antes mesmo de ser acertado pelo Cascão? Mais um daqueles detalhes sem explicação.



Cebolinha percebe da pior maneira que levantar halteres não é pra ele. Melhor deixar para os atletas da modalidade e para a Mônica, como nesta tira dos anos 1970.

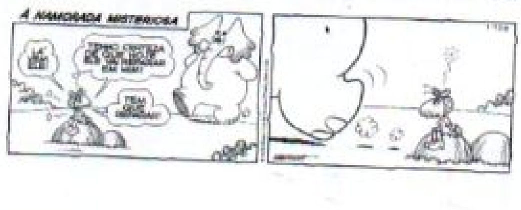
O que será que há do outro lado do muro? é mais um exemplo de como um tema simples pode render várias piadas.

Vale dizer que, no começo da carreira, Mauricio utilizava mais as cercas de madeira do que os muros. Isso porque, além de fazerem parte da sua infância, eram comuns nos anos 1960 e rendiam melhores piadas, como nas duas tiras abaixo, de 1963 e 1965. Afinal, espiar era preciso!

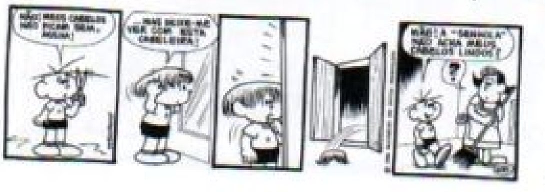


A Rita Najura é uma eterna sofredora, como se vê em *A namorada misteriosa*. Mas dentro daquele corpinho há uma grande batalhadora. Tanto que, mesmo vendo seus planos falharem, nunca desistiu de conquistar o coração do Jotalhão.

Essa história teve também uma versão em tiras. Mas, ao contrário dos primeiros números da revista *Mônica*, que trazia adaptações de materiais antes publicados em jornais, agora o caminho inverso era percorrido, pois ela só saiu na *Ilustrada* em 1976, três anos após este gibi. A trama é a mesma, só houve uma adaptação dos desenhos para o formato dos quadros.



A peruca é da época em que fazer paz e amor com os dedinhos e dizer "bicho" era moda. Até o Cebolinha, que ao ganhar uma peruca da tia, se acha acima dos seus amiguinhos "ultrapassados".



Desde que surgiu, o Cebolinha até tentou usar algumas perucas, mas ele sempre muda de ideia e acaba assumindo seus cabelos de "anteninha".

As tentativas de girar um pião renderam várias piadas, como mostramos em *Cebolinha 1*.

Nesta tira de 1966, que foi publicada na *Ilustrada*, quem rodopia é o Bidu.

O Rolo começava a ganhar mais espaço. Enquanto Tina caminhava para um lado mais realista, com traços de uma jovem mulher, ele seguia sendo o responsável pela parte engraçada, e logo teria suas próprias aventuras.

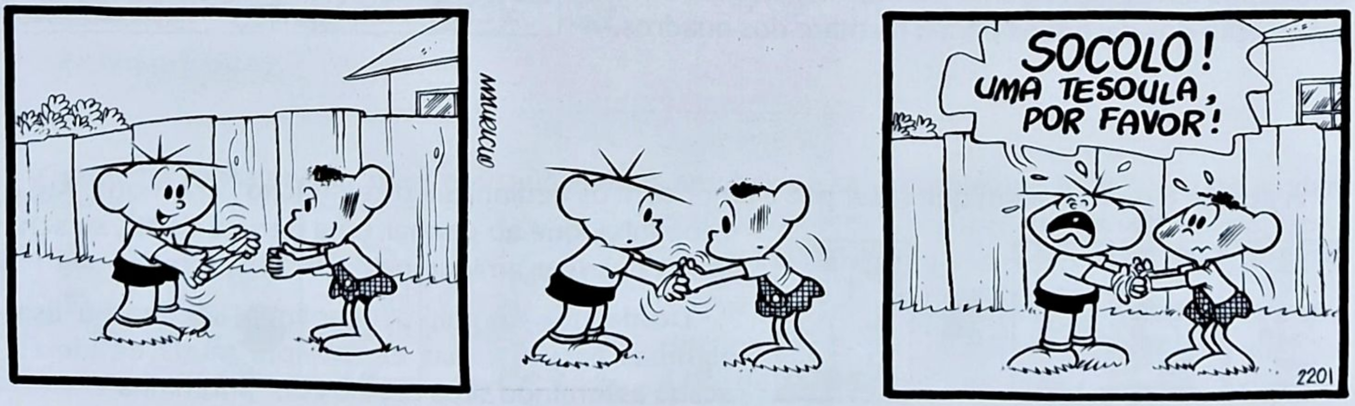
Quanto ao tema da história, ele também já havia sido utilizado por Mauricio, com outro personagem, o Bidu, numa tira publicada na *Ilustrada* em 1964.

Outra sonhadora apaixonada criada por Mauricio é a Thuga. E não é que, em *O noivo eterno*, uma pterodáctila mostra como "conquistou" o coração do marido? O casal, mais tarde, seria batizado como Carlota e Alfredo.

Os dois já haviam aparecido numa história de *Mônica 2* (que está na *Biblioteca 1970*), pois foi no ninho deles que Horácio viveu uma de suas primeiras aventuras.

A amizade entre o Cascão e o Cebolinha vem desde o tempo em que o sujinho ainda tinha cabelo na lateral da cabeça. *Os amigos inseparáveis* é sobre essa relação. O engraçado nessa história é mostrar que os dois não vivem separados, mas quando, por algum motivo, se veem grudados, ambos se apavoram.

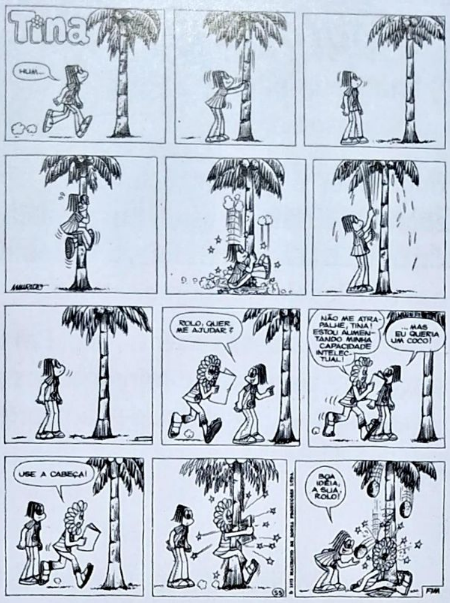
Algo parecido aconteceu com a dupla nesta tira de 1970, só que eles ficaram presos por causa de uma brincadeira, a cama-de-gato, em que o objetivo é trançar um barbante entre os dedos e ir formando desenhos.



Tina e Rolo eram mais praieiros do que urbanos, e havia um motivo para tal. Os dois eram uma espécie de "garotos-propaganda" informais da Bahia.

Por isso, nada melhor do que cenários do litoral para preencher suas histórias.

E pegar um coco sempre rendia bons roteiros para a dupla, como se vê nesses dois tabloides publicados no caderno *Quadrinhos*, da *Folha de S.Paulo*, no início dos anos 1970.



O Cebolinha pode ser o rei das ideias mirabolantes, mas o Cascão tem mais jogo de cintura. *Um Romeu muito apaixonado* é um exemplo disso. O problema é quando o sujinho resolve "ensinar" o amigo a conquistar uma menina. O resultado é bem parecido com o dos planos infalíveis...

Em tiras publicadas a partir de 2 de julho de 1967, na *Ilustrada*, Cebolinha começa a se achar adulto e faz planos para casar-se. O problema é que ele só conhecia a Mônica e a Magali nesta época. Aí, imagine a confusão.

A tirinha que fecha a edição lembra não só a piada, como o cenário das tiras antigas do Cebolinha, de 1960 de 1970.

Cebolinha # 12 (dezembro de 1973)

O interessante em *O soro duplicador* é que, praticamente, são duas histórias diferentes em uma. Apesar do pretexto que Cebolinha e Cascão usam para ir à casa do Franjinha, o "eu queria ir para a aula para ter férias" é quase um tema à parte. Hoje, a Turminha frequenta a escola do bairro, mas naquela época isso era apenas um desejo dos personagens.

Logo em seguida, a invenção do Franjinha passa a ser o foco. Em 1973, o lado gênio dele já estava se firmando. Com isso, a participação de cientistas diminuiria nos anos seguintes, para deixar os amigos invisíveis, minúsculos ou criar versões malvadas de cada um.

Por falar nisso, um cientista maluco que quer dominar o mundo faz cópias da Mônica em *Mônica, a Clônica* (*Mônica* 128, da Globo), em agosto de 1997.

Já na história *A máquina de fazer clones* (*Chico Bento* 305, Globo), de setembro de 1998, outro cientista inventa um "clonômetro" e até Zé Lelé acaba duplicado.

E o Franjinha retorna com suas invenções e faz um clone do Cascão em *Cascão 2.0* (*Cascão* 431, Globo), que saiu em dezembro de 2003.

Em *Uma questão de entendimento*, até o Rolo sentiu que aquele camisão listrado com o medalhão "paz e amor" da Tina estava ficando fora de moda. Ela logo ganharia um corpo mais delineado e, depois, trocaria de guarda-roupa, mas esta história mostra o primeiro vestido que a Tina usou.

Nessa época, Rolo também começou a mudar. Aos poucos, foi deixando de lado o seu jeitão *hippie*, sossegado e alienado. O perfil paquerador passava a ganhar força. Logo, suas histórias seriam baseadas em conquistas, encontros e namoradas.

Olha o Bugu num momento de glória: uma história só dele. Sem o Bidu para atrapalhar, ele faz isso sozinho. E a clássica frase de William Shakespeare, na peça *Hamlet*, "To be or not to be, that is the question" ("Ser ou não ser, eis a questão", em português), rende uma boa piada!

Tanto que ela já foi utilizada também pelo Penadinho. O problema, no cemitério, é que o Cranicola sempre faz o mesmo papel.

A participação do Chico Bento na revista se resumia a poucas páginas. Ele só viria a ter histórias longas e memoráveis no seu próprio gibi, em 1982. Enquanto isso não acontecia, o caipirinha fazia piadas com situações do seu cotidiano, como a eterna batalha entre espantalho e passarinhos.

Espantalhos eram presença corriqueira nas antigas tiras do Zé da Roça e do Chico Bento. E, diferentemente dos outros, eram vivos e conversavam... até por telepatia!

As histórias do Horácio nem pareciam se passar na Pré-História. O Tecodonte, por exemplo, não parece surpreso em falar de discos voadores, tampouco Horácio se assombra ao ver um ser ectoplásmico descendo do espaço.

Essa "dimensão horaciana" tem a assinatura de Mauricio de Sousa. Tal qual seus habitantes, só ele entende, cria e "viaja" tão bem por este universo.

A aventura desta edição também foi publicada em forma de tabloides na *Folhinha*, de 19 de setembro a 7 de novembro de 1976. Quase três anos após sair na revista. O desenho sofreu pequenos ajustes por conta da nova diagramação, assim como algumas cores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Lúcia Merege 4667/CRB-7)

Sousa, Mauricio de
Biblioteca Mauricio de Sousa : Cebolinha vol. 1 : 1973 / Mauricio de Sousa. – Barueri, SP : Panini Brasil, 2023.

ISBN 978-65-259-1065-9 (Capa dura)

1. Histórias em quadrinhos I. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos 741.5

Cebolinha

VOL. 1 - 1973

PANINI COMICS

PANINI GROUP
CEO América Latina: Ivam Faria
Diretor de Publicação e Licenciamento: Marco M. Lupoi
Gerente de Publicações América Latina: Leonardo Raveggi

PANINI BRASIL LTDA.
Diretor Administrativo e Financeiro: Fábio Trigo Martins
Diretor de Distribuição: Gilberto Finotto Gil
Diretora de Marketing: Martina Limoni

EDITORIAL
Editores: Tatiana Josefovich e Tiago P. Zanetic
Design Gráfico e Diagramação: Tatiana Josefovich
Auxiliar Administrativo: Bruna Tiemi Okubo

MARKETING, COMERCIAL, PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO
Analista de Marketing Sênior: Rafaela Febronio
Publicidade: comercial@panini.com.br
Assessoria de Imprensa: assessoriadeimprensa@panini.com.br
Coordenador de Inteligência Comercial: Rodrigo Felipe Lucizano
Gerente Industrial: Edson Aprijo de Farias
Gerente de Distribuição: Genésio Cruz Oliveira Jr.

Este livro foi impresso pela **DuoGraf**.
Distribuída em todo o país por **Panini Brasil Ltda.**

Biblioteca Mauricio de Sousa - Cebolinha vol. 1 - 1973 é uma publicação da Panini Brasil Ltda. **Administração, Redação e Publicidade:** Alameda Caiapós, 425 - Centro Empresarial Tamboré - CEP 06460-110 - Barueri - SP - Brasil. © 2023 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Produções Ltda., todos os direitos reservados - www.turmadamonica.com.br. Direitos desta edição no Brasil e em Portugal reservados à Panini Brasil Ltda. As histórias, personagens e nomes apresentados nesta revista, bem como suas distintas semelhanças, salvo quando indicado, são propriedades da Mauricio de Sousa Produções e publicados sob sua licença. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização dos editores.

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

Estúdios Mauricio de Sousa
Presidente: Mauricio de Sousa
Diretoria Executiva: Alice K. Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
Diretora Executiva: Alice K. Takeda
Supervisão de Roteiros: Mauricio de Sousa, Marina Takeda e Sousa.
Diretor de Arte: Wagner Bonilla
Coordenação de Conteúdo: Paulo Back
Histórias criadas e produzidas nos Estúdios Mauricio de Sousa.
Editor: Sidney Gusman
Diagramação de Prefácio e Extras: Mariangela Saraiva Ferradás
Coordenação Administrativa do Estúdio: Emerson Agune, Maria Aparecida Rabello, Maria de Fátima A. Claro.
Revisão de textos: Daniela Gomes Furlan, Ivana Mello, Lina Furlan.

COMERCIAL
Diretora Executiva: Mônica S. e Sousa - monica.sousa@turmadamonica.com.br
Diretor de Licenciamento: Rodrigo Paiva
Animação: Diretor: José Márcio Nicolosi
Diretor Executivo de Audiovisual e Mídias Digitais: Marcos S. e S. Saraiva
Teatro: Diretor: Mauro Takeda e Sousa. Tel.: (11) 3613-5031
Exposições: Jacqueline Mouradian
Depto. Jurídico: Dr. Alexandre Siqueira
Comunicação Integrada: Coordenação: Ivana Mello
Assistentes: Daniela Gomes Furlan, Fernando Freitas, Paulo Amarante, Ronney Abílio. Tel.: (11) 3613-5055.

Supervisão Geral: Mauricio de Sousa, Membro da Academia Paulista de Letras.

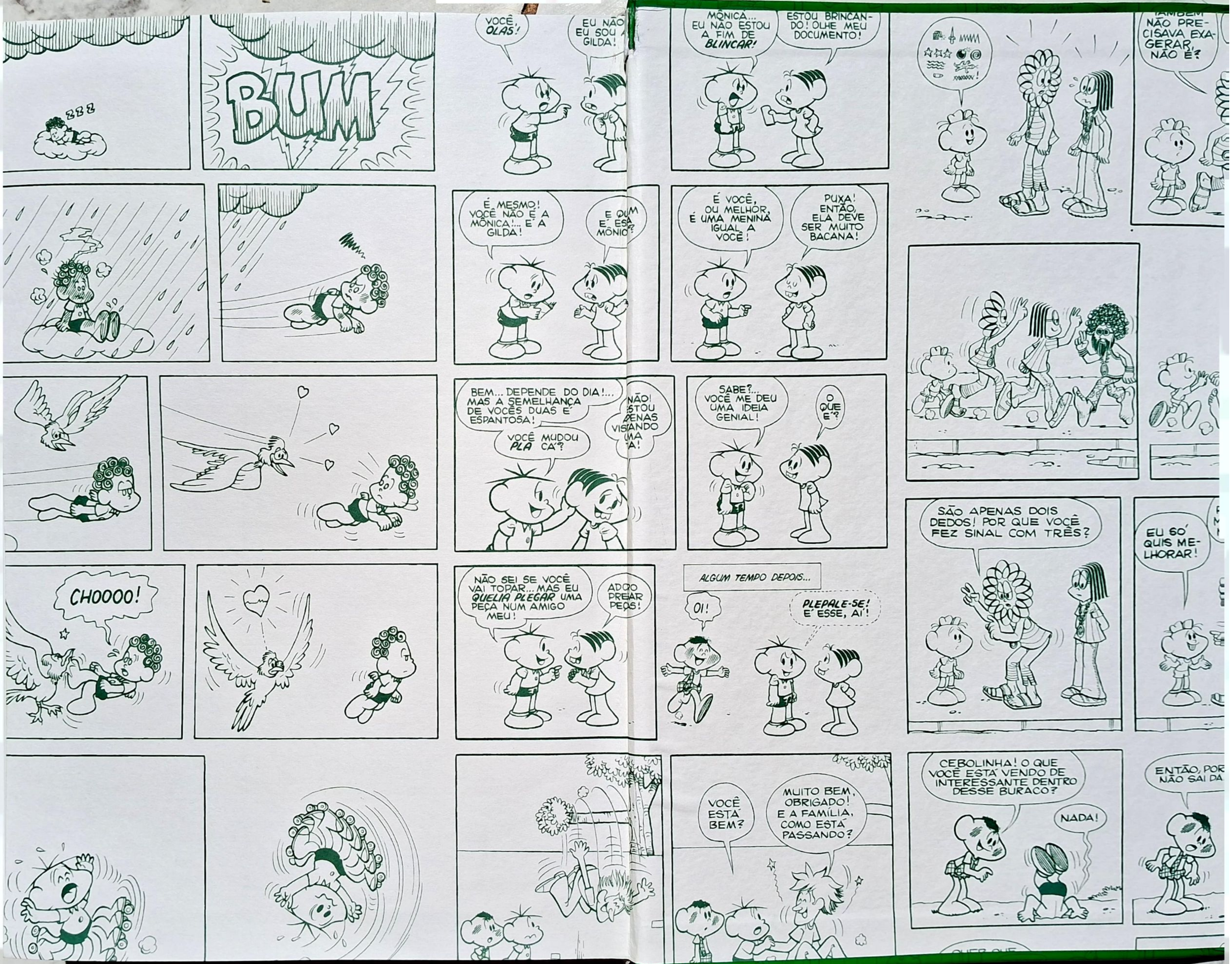
Instituto Mauricio de Sousa: instituto@institutomauriciodesousa.org.br

Estúdios Mauricio de Sousa:
www.turmadamonica.com.br
msp@turmadamonica.com.br
Rua Werner Von Siemens, 111
Prédio 19 - Espaço 1,
Lapa de Baixo - São Paulo - SP
05069-900 - Tel.: (11) 3613-5000
© 2023 Mauricio de Sousa Produções.
Todos os direitos reservados.

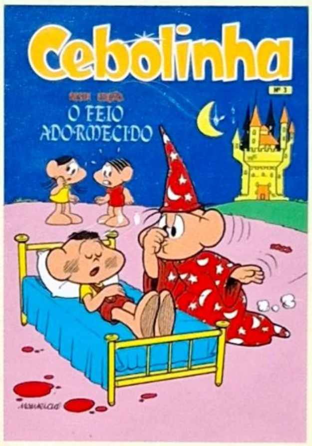
www.assinemonica.com.br
atendimento.turmadamonica@panini.com.br

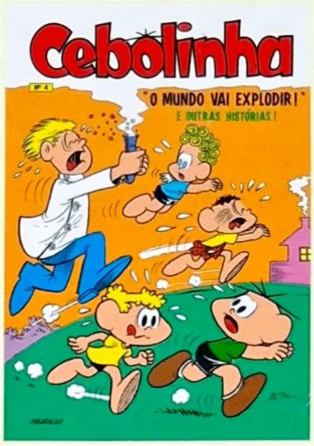
FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel | Apoiando o manejo florestal responsável
FSC® C119624

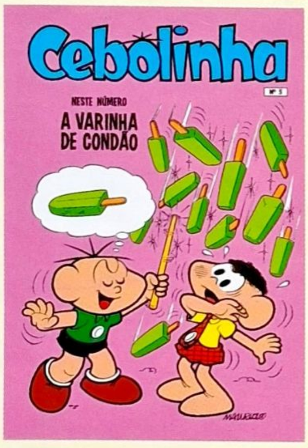
Esta obra é uma ficção. Reiteramos que o objetivo desta não é o de promover a discriminação de qualquer classe e espécie. Mas, ocasionalmente, ela pode apresentar representações negativas e tratamentos inapropriados de pessoas ou culturas, coisas de outros tempos, felizmente abandonadas. Devido ao valor histórico deste material, todas as expressões usadas na época e retratadas aqui foram mantidas em respeito ao autor, levando-se em consideração o contexto da época. Inclusive como forma de aprender com essas situações, para não repeti-las. Por isso, nesses casos, adicionamos notas de rodapé sinalizando as situações problemáticas. Felizmente, o mundo evoluiu e erros assim não são mais cometidos nos materiais da **MSP**, que busca sempre por conteúdos cada vez mais repletos de diversidade e inclusão.

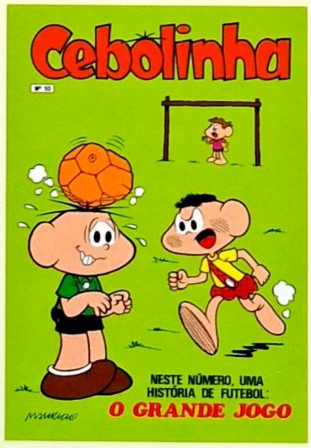

BUM
VOCÊ, OLAS!
EU NÃO! EU SOU A GILDA!
É MESMO! VOCÊ NÃO É A MÔNICA!... É A GILDA!
E QUEM É ESSA MÔNICA?
BEM... DEPENDE DO DIA!... MAS A SEMELHANÇA DE VOCÊS DUAS É ESPANTOSA!
VOCÊ MUDOU PLA CÁ?
NÃO! ESTOU APENAS VISITANDO UMA
CHOOOO!
NÃO SEI SE VOCÊ VAI TOPAR... MAS EU QUELIA PLEGAR UMA PEÇA NUM AMIGO MEU!
ADORO PREGAR PEÇAS!
MÔNICA... EU NÃO ESTOU A FIM DE BLINCAR!
ESTOU BRINCANDO! OLHE MEU DOCUMENTO!
TAMBÉM NÃO PRECISAVA EXAGERAR, NÃO É?
É VOCÊ, OU MELHOR, É UMA MENINA IGUAL A VOCÊ!
PUXA! ENTÃO, ELA DEVE SER MUITO BACANA!
SABE?... VOCÊ ME DEU UMA IDEIA GENIAL!
O QUE É?
SÃO APENAS DOIS DEDOS! POR QUE VOCÊ FEZ SINAL COM TRÊS?
EU SÓ QUIS MELHORAR!
ALGUM TEMPO DEPOIS...
OI!
PLEPALE-SE! É ESSE, AÍ!
VOCÊ ESTÁ BEM?
MUITO BEM, OBRIGADO! E A FAMÍLIA, COMO ESTÁ PASSANDO?
CEBOLINHA! O QUE VOCÊ ESTÁ VENDO DE INTERESSANTE DENTRO DESSE BURACO?
NADA!

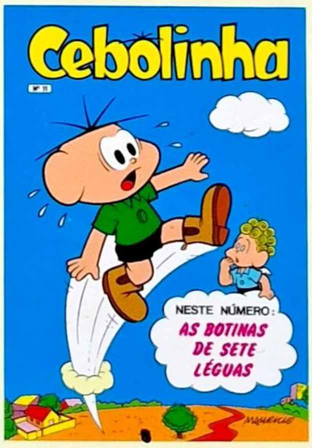
Biblioteca Mauricio de Sousa

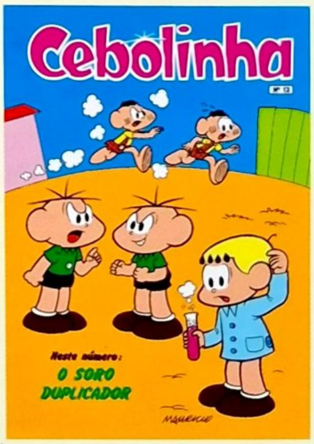












MAURICIO DE SOUSA EDITORA
Panini Comics
ISBN 978-65-259-1065-9
ACHCB001

Aconselhável para maiores de 14 anos

© MSP - BRASIL/2023

1

Cebolinha 1973

Biblioteca
Mauricio
de Sousa

Panini Comics